

Paul Walker, a morte em alta velocidade

Ator da franquia *Velozes e Furiosos* era carona em um porsche que bateu em um poste e uma árvore, explodindo em seguida. Ele morreu aos 40 anos, durante um vento beneficente para sua organização Reach Out Worldwide. Leia mais na pág. D-2

galeria@atribuna.com.br

Galeria

Santos no tempo de D. Maria Bárbara

A mãe de José Bonifácio, o Patriarca da Independência, era exemplo da elite santista na segunda metade do século 18 e início do 19

WILMA THEREZINHA F. DE ANDRADE
COLABORADORA

A vida de José Bonifácio de Andrada e Silva ficou mais conhecida agora no Ano José Bonifácio, comemorativo dos 250 anos do seu nascimento. Da família Andrada é dado destaque ao pai, o cel. Bonifácio José Ribeiro de Andrada, abastado comerciante, possuidor da segunda fortuna da Vila de Santos com 8:000\$000 (oito contos de réis), e que exerceu cargos importantes. Da mãe do Patriarca, pouco se sabe. Pesquisando em documentos, colhemos informes que, como num mosaico histórico, nos dão uma visão sobre ela.

Como viveu D. Maria Bárbara? Nasceu Maria Bárbara, em Santos, a 27 de agosto de 1740, batizada a 3 de setembro. Era filha de Gonçalo Fernandes Souto, português, vereador e de D. Rosa de Viterbo da Silva, santista. Na certidão de casamento de José Bonifácio com Narcisa Emília O'Leary consta: "... filho legítimo do cel. Bonifácio José de Andrade (sic) e de Dona Maria Bárbara da Silva, todos naturais da Vila de Santos, aonde todos foram batizados...". Maria Bárbara teve como irmãos Manoel Fernandes Souto, médico, e João Nepomuceno, padre. Sabia ler e escrever com facilidade, o que não era, então, comum entre as mulheres.

De família importante, Maria Bárbara casou-se aos 18 anos, em agosto de 1758, com Bonifácio José Ribeiro de Andrada, com quem era aparentada por parte de mãe. O noivo, nascido em Santos, a 14 de maio de 1726, era rico comerciante, tinha 32 anos, 14 anos mais velho. Era comum na época as mulheres casarem com homens bem mais velhos. O casamento durou 31 anos, até a morte do marido, em 16 de setembro de 1789, com 63 anos.

A família morou na Rua Direita, a principal da Vila (atual XV de Novembro, 113), num sobrado próximo aos Quatro Cantos (cruzamento da XV com Frei Gaspar), onde nasceu José Bonifácio. Quando a família cresceu, o cel. Bonifácio José comprou outro sobrado, maior, do lado oposto da Rua onde

viveu José Bonifácio e irmãos, e que foi demolido no século 20 para construção de um banco e até recentemente, abrigou o anexo da Câmara Municipal.

DOZE FILHOS

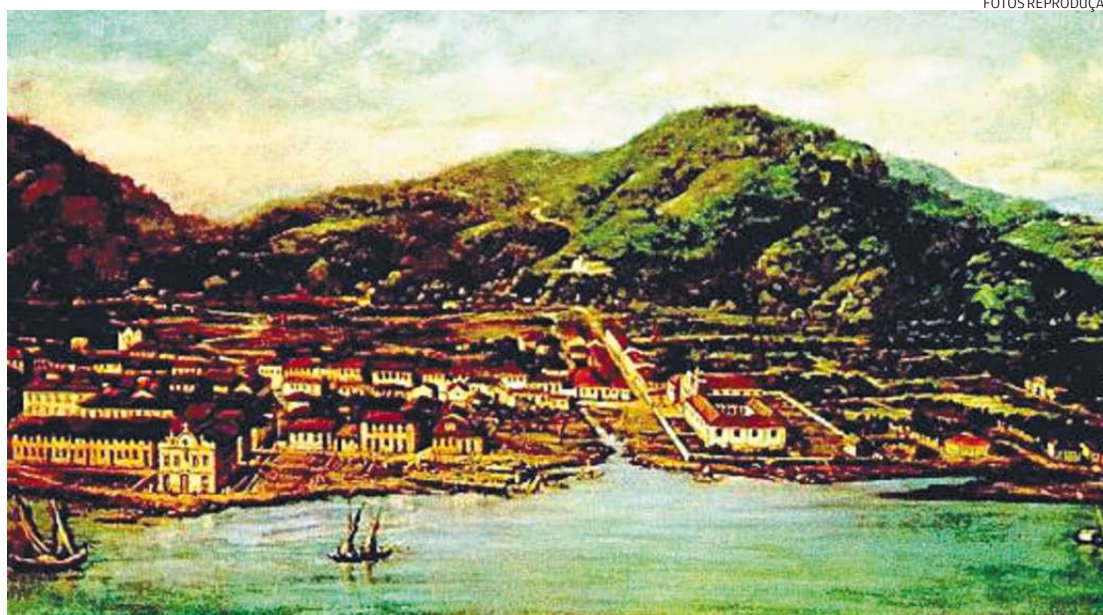
D. Maria Bárbara teve 12 filhos, número comum naquele tempo. O primogênito, Patrício Manoel, foi padre, vereador e membro da Santa Casa. O segundo, em 13 de junho de 1763, foi José Bonifácio de Andrada e Silva (cujo Silva vem da família da mãe). Sua vida e obra o tornaram conhecido na civilização ocidental.

A terceira, Maria Flora, foi dama da imperatriz D. Leopoldina; a quarta, Bárbara Joaquina, casou com Francisco Xavier de Costa Aguiar, comerciante que exerceu funções militares. Seguiu-se Ana Marcelina. Consorciou-se com o tenente-coronel José Carvalho da Silva. Sua filha, Ana Josefina, casou-se com o tio, Antônio Carlos Ribeiro Machado e Silva de Andrada. O casamento entre primos, tios e sobrinhas era, então, bem aceito. Por trás desse costume, havia a intenção de estreitar os laços entre as famílias e preservar heranças.

Bonifácio José, o sexto, não teve destaque. O sétimo foi Antônio Carlos, que se casou, como mencionado, com a sobrinha Ana Josefina. O seguinte foi Martin Francisco Ribeiro de Andrada. Com os irmãos José Bonifácio e Antônio Carlos formou a Trindade Andradina, de tanta importância legislativa, literária, científica e política, pois participou do processo da Independência do Brasil e das tentativas de reorganizar o País em novas bases econômicas e sociais.

Martin Francisco casou-se com uma filha de José Bonifácio, Gabriela, bem mais moça que ele. Seguiram-se Úrsula e Francisco, que morreram crianças. O 11º chamou-se Francisco Eugênio de Andrada. Solteiro, reconheceu um filho, homônimo, que se casou com Narcisa Cândida, filha que o Patriarca gerou fora do casamento, foi aceita pela esposa, Narcisa Emília e por ele, legitimada.

O último, Joaquim, morreu criança. A morte de crianças,



FOTOS REPRODUÇÃO

Em uma Santos bucólica, a matriarca da família Andrada criou 12 filhos e viveu até os 81 anos



LUIGI BONGIOVANNI



Da antiga casa de José Bonifácio, localizada na Rua XV de Novembro esquina da Frei Gaspar, muito pouco restou conforme prova o desenho ao lado

nesses tempos de poucos conhecimentos em puericultura e medicina era comum mesmo entre famílias nobres e abastadas.

Moraram com ela o padre Patrício Manoel, Bonifácio José de Andrada e D. Maria Flora, solteiros. Vemos que, por diversas vezes, mesmo adultos, filhos vinham com ela morar, quando as circunstâncias os traziam de volta a Santos, ou quando solteiros.

RELIGIOSA

Católica, pertenceu à Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Bondosa, praticava a caridade, ajudando os pobres da Vila, sendo chamada de "Mãe da Pobreza".

O marido, morto em 1789, deixou-lhe bens: casas, propriedades rurais, dinheiro emprestado a juros e dívidas cobradas pelo genro, Francisco Xavier de Costa Aguiar, como administrador do patrimônio da sogra, a quem deu apoio na viuvez.

De Santos, D. Maria Bárbara acompanhava a vida dos filhos. Carinhosamente, numa carta a José Bonifácio, na Europa, anunciava que lhe enviara café, açúcar e goiabada! Noutra carta desabafava seu sofrimento: "escapara de enlouquecer" quando soube que Antônio Carlos, ouvidor em Olinda, se envolvia na Revolução Republicana de 1817. Preso como traidor, foi

condenado à morte, da qual escapara na última hora.

Teve a felicidade de abraçar, aos 79 anos, a José Bonifácio, após 36 anos de ausência. A nora irlandesa e as netas, também nascidas na Europa, ficaram em sua casa, antes de irem morar no Sítio dos Outeirinhos. Quando vinha à Vila, José Bonifácio, hospedava-se na casa da mãe.

Após uma viuvez de 33 anos, D. Maria Bárbara faleceu a 28 de agosto de 1821, um dia depois de completar 81 anos, de apoplexia (acidente vascular encefálico). No testamento pediu para ser sepultada na igreja dos Carmelitas, com hábito de Nossa Senhora do Carmo, em mortalha, três missas por sua alma e outra pelas almas do Purgatório e deixou 51:000\$200 réis para se repartirem pelos pobres.

VISÃO DA ELITE

A vida de D. Maria Bárbara, matriarca da família Andrada, a mais importante de Santos, nos leva a ter uma visão da elite santista, na segunda metade do século 18 e primeira metade do 19.

De origem conhecida, casou-se cedo com um homem mais velho; recebeu o título de Dona; morou em casas-sobrado, na Rua Direita; teve numerosos filhos que aprenderam as primeiras letras com ela; viu sua descendência crescer em importância e sabedoria. Mãe, acolheu e apoiou sempre os filhos que dela precisaram. Por sua preocupação com os desvalidos, mereceu D. Maria Bárbara ser chamada, pelo povo, de "Mãe da Pobreza".

José Bonifácio de Andrada e Silva a tornou conhecida como a "Mãe do Patriarca".

WILMA THEREZINHA FERNANDES DE ANDRADE, PROFESSORA ASSISTENTE DE HISTÓRIA NA UNISANTOS, MESTRE E DOUTORA EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP) E AUTORA DE LIVROS E ARTIGOS CIENTÍFICOS DE HISTÓRIA, DIDÁTICOS, PARADIDÁTICOS E LITERÁRIOS.

A estética da arte e a loucura em Projeto Bispo

LINCOLN SPADA
DA REDAÇÃO

São quase nove da noite quando um ator sussurra para o público "Qual a diferença entre vocês e eles?", apontando com a lanterna a um bando de nus surtando na Casa da Frontaria Azulejada. E é lá, após duas horas com tantos personagens alienados e anônimos da peça *Projeto Bispo*, que se percebe que eles são tão humanos quanto eu, você e o artista plástico Arthur Bispo do Rosário.

As situações encenadas por cada um dos dez artistas de O Coletivo retratam a genialidade e loucura do falecido Arthur. Genial, por conceber mais de 900 objetos de arte contemporânea. Louco, porque o acervo foi criado com retalhos e peças descartáveis que achava no antigo Hospital Nacional dos Alienados, no Rio, onde viveu por 50 anos.

O ex-marineiro e ex-pugilista sergipano perambulava pelas ruas antes de ser internado.



RODRIGO M. MORALES

Cena da peça que tem apresentações hoje e na próxima segunda

É o mesmo caso da personagem conterrânea no teatro, interpretada por Malvina Costa, que com seu alto-falante chama o público para ver a peça. Quem ainda não assistiu à *performance* do grupo tem nova chance hoje e na próxima segunda-feira, na Praça Mauá, às 20 horas.

DRAMAS DE QUEM VIVE NA RUA

Na primeira parte, o público anda lado a lado com ela e outros moradores em situação de rua. Palavrões e insultos são constantes e improvisados entre eles, mas justamente essa marginalidade faz os papéis serem críveis, humanos.

Destaque para o encontro

dos personagens de Rony Magno e Junior Brassalotti na escadaria da Prefeitura. Enquanto o primeiro veste um similar do Manto da Apresentação (principal peça bordada por Bispo) se nomeando Filho do Pai, o outro faz o papel de um Deus irônico, criticando as exclusões sociais geradas por cor, classe econômica e sexual.

Por vezes, algumas situações até geram risos na plateia. Como quando Wendell Medeiros protagoniza o caso de um indigente que dorme sob a marquise de uma agência bancária, responsabilizando-a pelo seu fracasso financeiro. Essa cena surgiu quando uma mulher em situação de rua contou esse fato para o elenco.

Aliás, os momentos mais fortes estão nos dramas femininos. Seja com a cena de estupro entre Juliana Sucila e Rafael de Souza, ou a revolta de uma prostituta, rejeitada pelos clientes por ser travesti, interpretada por Renata Carvalho.

No entanto, a insanidade dos personagens cresce dentro do hospital psiquiátrico ambientado na Casa da Frontaria Azulejada. Lá, as falas perdem força para as ações.

Todos os espaços da casa se tornam cenário para a loucura, que também corresponde às vontades de Bispo. Por exemplo, quando os personagens de Cícero Santos e Lucas Oliveira brigam sobre cores, e Vanúzia Moreira sonha ter uma faixa e uma coroa. É que a cor predileta de Arthur era o azul, e seu maior desejo era casar com Ieda Maria Vargas, a Miss Universo de 1963.

Enfim, sob a direção de Kadu Veríssimo, é nítido o entrosamento de O Coletivo em mostrar o universo marginalizado de um artista plástico ainda pouco conhecido.

SERVIÇO - PROJETO BISPO. HOJE E NO PRÓXIMO DIA 9, ÀS 20 HORAS, NA PRAÇA MAUÁ. DURAÇÃO: 100 MINUTOS. INGRESSOS: 1 KG DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL. CAPACIDADE: 50 PESSOAS POR SESSÃO.

Clube
A TRIBUNA
com você aonde você for

DESCONTOS EXCLUSIVOS PARA ASSINANTES

CINEMA

CINE ARTE POSTO 4, ao lado da Concha Acústica, no Canal 3. Infs. e reservas (13) 3288-4009. **Assinante A Tribuna + 1 acompanhante pagam apenas R\$ 1,00 (cada)**. Veja neste caderno, anúncio com a programação do filme

TEATRO

SHREK - O MUSICAL, em cartaz até 22 de dezembro. As sextas-feiras, 20h30, sábados e domingos, às 15h e 19h. Teatro Bradesco, no Shopping Bourbon, R. Turiassu, 2.100, Pompéia, São Paulo. Infs.: www.shrekomusical.com.br **50% de desconto para o assinante A TRIBUNA + 3 acompanhantes. Somente na bilheteria do teatro. Necessária a apresentação do cartão do Clube A TRIBUNA.**

O NATAL DA CINDERELLA - 14 de dez., às 15h e 18h, na Arena Santos. Classif. etária: livre. **50% de desconto para o assinante A TRIBUNA + 1 acompanhante.**

Indispensável a apresentação do cartão do Clube A Tribuna no ato da compra do ingresso. Desconto não cumulativo

Se você tem, aproveite. Se você não tem, aproveite e ligue
2102-7200
www.tribuna.com.br/clube